



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ELIENE DOS SANTOS BARBOSA

**MITOS, RITOS E MAGIA NA CULTURA URBANA NORDESTINA: MEDO,
FÉ E IMAGINÁRIO NA CIDADE DE JUAREZ TÁVORA**

CAMPINA GRANDE-PB

2014

ELIENE DOS SANTOS BARBOSA

**MITOS, RITOS E MAGIA NA CULTURA URBANA NORDESTINA: MEDO,
FÉ E IMAGINÁRIO NA CIDADE DE JUAREZ TÁVORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador (a): Prof^ª Dr^ª Maria Lindaci Gomes
de Souza

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

239 Barbosa, Eliene dos Santos

Mitos, ritos e magia na cultura urbana nordestina [manuscrito] :
medo, fé e imaginário na cidade de Juarez Távora / Eliene dos
Santos Barbosa. - 2014.

21 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza,
Departamento de História".

1.Cultura 2. Cultura Nordestina 3. Mitos 4. Ritos I. Título.

21. ed. CDD 306

ELIENE DOS SANTOS BARBOSA

**MITOS, RITOS E MAGIA NA CULTURA URBANA NORDESTINA: MEDO,
FÉ E IMAGINÁRIO NA CIDADE DE JUAREZ TÁVORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

Aprovada em: 28/02/2014.

Maria Lindaci Gomes de Souza

Profª Drª Maria Lindaci Gomes de Souza

Orientadora

Matusalém Alves Oliveira

Prof. Matusalém Alves Oliveira / UEPB

Examinador

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB

Examinador

MITOS, RITOS E MAGIA NA CULTURA URBANA NORDESTINA: MEDO, FÉ E IMAGINÁRIO NA CIDADE DE JUAREZ TÁVORA

BARBOSA, Eliene dos Santos ¹

RESUMO

A Cultura nordestina é bastante rica em práticas culturais, são formas simbólicas de representar o mundo. Nesse sentido, os mitos se constitui em práticas comuns as realidades das diversas sociedades nas quais o nordeste se insere. Assim objetiva-se perceber a presença de práticas ritualísticas no cotidiano urbano e como elas estão atreladas a ideia de medo e fé. São ações cotidianas que são validadas por processos rituais que se propõe a lidar com forças naturais ocultas que causam intervenção na vida dos seres e em seu meio sem outra possibilidade de resposta. Propõe-se também identificar a permanência de praticas quando sustentada pela superstição e ainda constante no cotidiano da cidade. A cidade de Juarez Távora – PB, serve como base para a pesquisa empírica, aliada ao enfoque qualitativo ao passo que possibilitam a investigação desse mundo de símbolos e significados, sustentando-se por meio da observação. Quanto ao aspecto metodológico, a mesma é enriquecida pelas narrativas, através da história oral, com entrevista de moradores locais que exerceram o papel de guardiões da tradição, contribuindo para que essas práticas, permaneçam na cultural local.

Palavras-chaves: cultura nordestina urbana; fé; mito; oralidade.

¹ Aluna do Curso de Historia, da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: eliene_phn@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Desde as mais remotas civilizações os seres são possuídos por crenças e saberes, cuja origem de fato nem sempre é certa, porém encaminha-se na vida por meio de tradições daqueles que detêm a força do saber nos números de sua idade, suprimindo desejos e sentimentos humanos. Sendo assim, não só nos níveis arcaicos da cultura, a religião mantém a abertura para um mundo sobre-humano, o mundo dos valores axiológicos. Valores transcendentais e, portanto absolutos que se configuram, através de paradigmas de todas as atividades humanas, através de modelos que são veiculados pelos mitos que não só nas sociedades arcaicas, mas também em sociedades tradicionais contemporâneas, representam um plano sobre-humano.

Seria difícil encontrar uma definição do mito que fosse aceita por todos eruditos, e capaz de cobrir os tipos e todas as funções na sociedade. Segundo o filósofo romeno Mircea Eliade (1986), o mito é então uma história verdadeira, extremamente preciosa pelo seu caráter sagrado, exemplar e significativo, como destaca o autor:

O mito fornece modelos de conduta humana, conferindo significação e valor à existência. Ele seria esse modo de ver, falar e sentir a realidade sobre dimensões simbólicas muitas vezes inatingíveis pela “racionalidade”, pois muito mais que uma palavra refletida, ele é vivido transmitido pelas gerações como esse modelo valorativo de existência humana. (ELIADE, 1986, p.62)

Sobre essa caracterização durante muito tempo se houve relutância para aceitar os componentes míticos da vida de maneira que legitimassem outra forma de enxergar o mundo, como outra forma de vivência. Era preciso redescobrir no ser outro nível de pensar e viver a vida, porém apenas depois de séculos a antropologia chega a se dar conta disso e afirmar que o ser humano é o que é não pela razão ou pelo seu intelecto, mas sim pela força do seu desejo. O mito se revela como alimento de uma ausência que mora em nós. O desejo de respostas que não encontra outra forma de se revelar que não seja a simbólica. Porém o ser humano é um ser racional e as formas míticas deveria alcançar esse seu nível para explicar-se e ganhar validade e reconhecimento. Esbarrando em sua impotência racional indo o mito além das normas explicativas apoiando-se no desejo, como já referido, e em forças vitais como a fé e o medo ele acaba sendo enfezado e perdurando-se como algo revelador do primitivo ou de pouca cultura.

Assim a proposta deste escrito parte da região Nordeste, riquíssima culturalmente nessas práticas e saberes que muitas vezes é visto pejorativamente como

folclore, superstição, primitivo, e outros se aprofundando na realidade da Cidade de Juarez Távora, no Agreste paraibano.

A proposta desse texto será descrever através de narrativas sobre mitos, ritos, medo, praticas culturais que estão inseridas na cultural local da cidade de Juarez tendo em vista que esta temática é bastante lacunar ao ponto de vista da historiografia Nordestina e principalmente no que diz respeito ao registro das ações dos que vem de baixo na cultural local. Outro aspecto a ser destacado é a possibilidade de dá voz as pessoas que através de suas vivências e experiências, podem narrar fatos, acontecimentos, que esta registrado na memória coletiva. Assim busco analisar através dessas práticas presente na cidade a importância dos mitos, ritos e fé representados e praticados no cotidiano local como também desmitificar a palavra “magia” que esta profundamente arraigada nessas experiências e sofre assim como elas com a força pejorativa do olhar negativo introduzido pela fé cristã.

Ao dar voz a estas pessoas estamos nos apropriando da historia oral, pois ela nos possibilita oferecer esta voz aos “excluídos” por meio de suas fontes expressa em entrevistas que são legitimadas pelo seu valor informativo e simbólico.

Sua perspectiva temporal é o tempo presente com novas fontes que produz conhecimento histórico, científico e não simplesmente relato ordenado da vida e da experiência dos “outros” como diz Lozano (1996). Ela é fragmento do vivido, é a parte que respira da historia se transmitindo apenas na possibilidade oral. Portanto, o processo investigativo se dá com quatro moradores da cidade de Juarez Távora de etapas etárias diferentes com intuito de revelar como os mitos estão presentes no cotidiano local. Além disso, a pesquisa foi enriquecida com a leitura do texto imagético, de algumas fotografias usadas para dar visibilidade à representação de fé no cotidiano das pessoas, isto é colaboradores desta pesquisa.

Como uma forma de fortalecimento e desenvolvimento da problemática buscou-se diálogos com autores como o sociólogo Antonio Flavio Pierucci que nos empresta seu conceito de magia como praticas capazes de intervir nas leis da natureza por meio de ritos e controlar as forças ocultas. Maristela Oliveira de Andrade e Adam Kuper que nos dá suporte a problematização da cultura. Regis de Moraes possibilitador da discussão do mito como alimento de uma ausência que mora em nós, como saciador do sentido que a vida precisa, como um modo de ver, falar e sentir dimensões da realidade. Carlo Ginzburg que vai oferecer junto com Jean Delumeau exemplos de como a religião interveio nessas praticas, introduziu o medo e uma ideia de recusa.

O escrito está dividido em três partes além da conclusão. No primeiro momento um breve contexto da mudança historiográfica que ofertou novo viés de trabalho a história e abre possibilidade para a problematização deste objeto. Depois se encaminha de fato a discussão sobre os mitos e ritos na cultura urbana e por fim os dados e discussão da pesquisa realizada com os moradores da cidade de Juarez Távora.

O nosso caminhar metodológico adotado neste estudo se insere na perspectiva da pesquisa oral que se constitui numa forma de pensar valendo-se de diálogos gravados que se torna em fontes para o trabalho histórico.

Ele se dá em cinco principais momentos que seria a elaboração do projeto, gravação, estabelecimento do documento escrito e sua eventual análise, arquivamento e devolução social como nos vem colocar Meihy (2007) ao nos questionar como se fazer, como se pensar a história oral.

Este método trabalha com o tempo presente assim se pode dizer que o seu espaço-tempo é o aqui e o agora. Está inteiramente ligado a memória à medida que sua apreensão parte das narrativas concedida pelo grupo de pessoas escolhidas para colaborar e tornar-se o documento vivo nos testemunhos gravados por meio do aparato tecnológico.

A fonte oferecida encontra-se na realidade social do objeto proposto, para sua melhor apreensão o ambiente favorável seria a própria residência do indivíduo criando um ambiente propício a uma boa conversação.

Seus gêneros apresentam-se em três distinções possibilitando a produção do que seria a história oral de vida, a temática e a tradição oral sendo esta última o referencial para este estudo à medida que ela trabalha com as permanências e símbolos dentro da realidade de mundo das comunidades e isso encontra fundamento de novo em Meihy ao passo que este nos diz “porque trabalha com a permanência e significado dos mitos, com a visão de mundo de comunidades que tem valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto [...]” (2007, p 41), ou seja, a tradição oral vem a se traduzir no fruto exatamente do estudo dos mitos que envolvem o cotidiano local de comunidades que revelam em práticas significativas determinada realidade simbólica numa cultura transmitida de geração em geração.

Um indicativo interessante a ser apontado ainda é que esse tipo de metodologia não é usado apenas quando não existem outras formas de documentos pelo contrário ela é um instrumento vital também para se produzir o diálogo com as outras fontes

promovendo outras visões ou fortalecendo a discussão apresentada. Dessa forma, além do material oral, fundamento principal, a mesma foi enriquecida com textos verbais, fazendo o cruzamento com livros específicos que se referem às temáticas e documentos visuais obtidos nas visitas na pesquisa de campo.

Essa prática chega a ser questionada numa visão errônea de meros relatos do “outro”, entretanto esta mais que provado que ela é mesmo a possibilidade de construir conhecimentos históricos e científico ampliando os personagens ao ofertar voz aqueles que estão por trás das cortinas no palco histórico e suprir lacunas com conhecimentos novos e a criação de fontes inéditas.

Caracterizando ainda este caminhar da pesquisa qualitativa que se sustenta através da observação natural do ambiente, ou seja, o cotidiano natural da cidade de Juarez, aliada ao método da história oral que por opção foi predominante nessa pesquisa. As informações foram coletadas por meio de um roteiro gravando as opiniões dos participantes numa posterior análise, trabalhando ainda com os significados interessando-se pelos sentidos que geram o vivido dos seres.

PROCESSO HISTORIOGRÁFICO: Renovação e possibilidades de apropriação dos mitos na construção histórica

Durante a construção e desenvolvimento do saber histórico a história passou por diversas transformações advindas como consequências da própria mudança de estrutura do mundo e seu pensamento. Partindo da metafísica a mesma adquiriu uma nova formatação teórica, resultando numa ampliação de fontes e diálogos, que possibilitou a edificação de um novo saber histórico.

Até determinado momento o “mundo” ocidental encontrava explicação e direcionamento na metafísica, todavia surge uma nova consciência histórica que faz emergir uma nova temporalidade, um novo sujeito, uma nova escrita, assim também como uma nova política, uma nova economia, uma nova ordem social.

Considerada como uma construção histórica que se sustentava por aspectos de veracidade, denominada de Positivismo, que pregava a cientificação do pensamento e do estudo humano, visando à obtenção de resultados claros, objetivos e completamente correto. Os seguidores desse movimento acreditavam num ideal de neutralidade, isto é,

na separação entre o pesquisador/autor e sua obra: esta, em vez de mostrar as opiniões e julgamentos de seu criador, retrataria de forma neutra e clara uma dada realidade a partir de seus fatos, mas sem os analisar. Os positivistas creem que o conhecimento se explica por si mesmo, necessitando apenas seu estudioso recuperá-lo e colocá-lo à mostra.

Nesse sentido acreditamos na possibilidade de ter havido uma confusão metodológica, pois sabemos que o historiador não consegue ficar de fora de sua produção, ele a faz com seu olhar, escolhas, organização. Origina-se um novo ser histórico e este põe em confronto seu tempo e o tempo da igreja, o tempo sagrado que regia as coisas. Há um esforço para racionalização, tirando do trono principal o sagrado e suas respostas. A religião já então não explicava todas as coisas ofertando ao homem pelo menos num primeiro momento uma libertação com essa pluralização do tempo, essa descentralização do mundo, o fazendo senhor da história, porém ainda de uma forma muito limitada, pois é válido ressaltar que nem todo ser recebia o mérito de se tornar um protagonista da mesma.

Todavia com a derrota europeia na segunda Guerra Mundial, em meio as suas tragédias e esfacelamento a razão entra em crise e assim emerge mais uma renovação no campo histórico. De modo geral, essa grande narração linear e futura que se exigia se fragmenta em múltiplas com novos agentes. Livramos-nos das macros estruturas para enfim ousarmos, caminharmos com calma, leveza, extrairmos o sabor dos fatos. E assim não só de heróis é feita a história, mas, sobretudo por aqueles que estão à margem, que a empurra, que estavam lá na ponta da linha do seu tear, porém negados, reprimidos pelos que eram trazidos e organizados logo na frente do esquadrão.

Diante de uma nova temporalidade, o curioso, o diferente nessa pluralidade cultural ganha um novo olhar. Esse novo agente é sensível à mudança e propõe a anuncia-la. Das perguntas presentes se passa a construir nessa volta ao passado e não mais uma construção futura que mata o vivido, que não oferece garantia como nos aponta o José Carlos Reis (2003). O hoje passa a ser explorado, o presente é uma constante mudança e é dessas experiências que a vida, que a história se faz e refaz que o mundo vai girando e ganhando sentido agora com a instituição da Escola dos Annales.

A Escola dos Annales foi um movimento iniciado na França e foi fundado por Marc Bloch e Lucien Febvre, a partir da fundação da revista *Anais de História Econômica e Social*. Este movimento está dividido em três gerações e há quem afirme até a existência de uma quarta. Neste texto, destacarei um pouco da terceira, pois a

partir dela se chegamos a essa historia nova ou também chamada historia cultural que fundamenta este trabalho por meio do processo metodológico da historia oral.

Com a saída de Braudel da presidência da revista, se inicia a terceira fase desse movimento e pode-se falar de uma fragmentação ou policentrismo do seu projeto. Muitos historiadores migraram da base econômica que esta no primórdio do pensamento de seus fundadores, o Bloch e Febvre junto com a historia social, para o estudo das manifestações culturais, foram “do porão ao sótão”, como afirma Peter Burker (2010). O uso de fontes seriais foi incorporada a essa nova proposta de história, com o diálogo com outras disciplinas, principalmente a Antropologia, que ajudou na construção do conceito de cultura-política. Houve o resgate do valor da narrativa e do estudo biográfico. Essa terceira geração traz uma fase marcada pela fragmentação e por exercer grande influência sobre a historiografia e sobre o público leitor, em abordagens que comumente chamamos como já referido de Nova História ou História Cultural, dentro dessas múltiplas possibilidades que se abre ao historiador. Graças a esta renovação este escrito pode continuar se fazendo e chegarmos às questões do mito, rito e fé na cultura urbana.

A PRESENÇA DA MAGIA NA CULTURA URBANA ATRAVÉS DOS MITOS, RITOS E HÁBITOS.

Cada sociedade e o contato entre estas vão constituindo em seus determinados ambientes a sua cultura, essa relação se da numa troca, no fazer e no vivido transformando e resignificando. Cada sociedade apresenta a sua determinada cultura que ganha “singularidade” mediante os desafios do ambiente do próprio local que residem, porém é comum em cada um delas a presença de mitos que se revelam através de narrativas, ritos e hábitos como outra forma de enxergar a realidade ou mesmo suprir sentidos humanos que não encontra outra resposta se apoiando em plataformas como a fé e o medo.

A sociedade cria o mito, porém não se reconhece nele, pois o mito passa a ser significado de atraso, primitivo, fantasia, folclore, magia, pecado. No seu desenvolver ele vai ganhando varias conotações.

Ao observar o mito na historia percebemos que durante todo contexto histórico os povos tiveram uma relação com suas narrativas e praticas mítica, no entanto em um determinado momento algo aconteceu. Na idade média, este sentindo teve uma grande

atuação, pois estava atrelado à religião tornando-se um elemento vivo e fundamental para a teologia medieval. Já no Renascimento começa-se a questionar sua veracidade, a veracidade de sua narrativa, mas é com o início da revolução científica do século XVII e o início da idade moderna que este vem a ser negado e deturpado com visões como estas já citadas. E à medida que a história científica-se ele não só ganha conotações negativas como passa a ser visto como algo que realmente aconteceu na história, como meros fatos históricos que durante determinado período se ouve crença, contudo ficou no passado.

Mas será mesmo que os mitos se reduzem apenas a fatos históricos? É esta a proposta que aqui me ponho a desmistificar e através da realidade da cidade de Juarez Távora revelar como estes mesmo diante as pressões modernas ainda resistem nas culturas locais do nosso Nordeste e como esta sociedade carregada de pré-conceitos introjectado pela cultura cristão pratica aquilo que discursivamente nega sobre a redia da fé, do medo, da ideia de pecado e condenação.

Tentando situar a união dessas duas discussão volto um pouco a Idade Média para nos lembrar uma coisa. O mito neste período estava atrelado à religião e, portanto era de grande relevância na sociedade, todavia é de fundamental importância saber que a narrativa, a crença, as praticas que estivessem “distante” do que a fé cristã pregava não era tão bem visto e não tinha essa relevância e veracidade toda como havia citado. Ginzburg (1989) nos oferece um exemplo para melhor compreensão deste fato. No século XVI uma camponesa Chiara Signorini tem um processo iniciado pelo tribunal da inquisição da Igreja, que buscava investigar e punir as práticas de heresia, por fazer uso de estatuetas de cera para fins terapêuticos e usar receitas supersticiosas para curar o gado doente. Esta foi acusada e torturada sobre visão de relação com o demônio e uso de feitiçaria.

Mediante praticas como essa os sermões religiosos e suas missões ganham novo teor e assuntos como morte, fim do mundo, purgatório, pecado para serem usados como tática de convencimento, implantação do medo e método de manter os paroquianos nas mãos como vai dizer o Jean Delumeau (2003). O ser era visto como pecador desde sua origem e antes mesmo da morte já estava condenado ao inferno. A pastoral do terror exercia trabalho constante e usava das mais diferentes formas, são os discursos mais também faziam usos de objetos como crânios próximos ao altar ou mesmo caveira nas celebrações que às vezes eram usadas em encenações. Adornadas com alguns objetos representavam seres que já partiram deste mundo e por seus pecados sofriam na morada deste outro revelando assim o temor da morte.

Aproximando-se um pouco mais de nossa realidade resgato também as investidas dos jesuítas quando aqui chegaram a nossas terras e em catequização condenarão e buscaram sobrepor às praticas comuns aos nossos nativos. Contudo esse mundo de significado e símbolos ainda é presente no cotidiano, no particular de nossos povos. E ousou ainda afirmar mais que parte de sua permanência, dessa resistência advém exatamente deste medo, desta fé que a própria igreja introjectou.

Os mitos são práticas, crenças que se revelam por meio de ritos e símbolos indicando outra forma de ver o mundo, mundo este que apenas nesses símbolos encontra determinadas respostas e sacia desejos humanos fortemente apegado ao medo. O medo das forças do mal que se manifesta em inveja, mal olhado, do próprio demônio, da morte, leva os seres a acreditar que por meio de determinadas praticas e hábitos podem controlar essas forças ocultas e protegê-los do mal. Porém para que isto ocorra eles precisam seguir determinados ritos para que de fato essas práticas tenham valência. Os ritos “[...] são a própria condição de perpetuação do mito, pois que, através deles, o mito ganha vida [...]” (MORAIS,1988, p.32), são eles que o dá esta permanencia e ao mesmo tempo poder de validade.

A partir dessas considerações recorro aqui ao Pierucci que nos diz o seguinte, “A crença mágica reside na suposição de que alguns seres humanos são capazes de controlar forças ocultas (pessoais ou impessoais) e intervir nas leis da natureza por intermédio de técnicas rituais” (2001, p. 9) ou seja se não estou enganada ele nos diz algo muito semelhante ao que até aqui se vem discutindo e mais nos leva a compreender que se são os ritos que dão vida ao mito e também são os ritos técnicas da magia não seria os mitos praticas mágicas?

Esta mas que claro que sim. Os mitos são práticas mágicas que os seres executam através de seus símbolos e ritos no seu cotidiano, porém embebidos pela ideia de condenação e pecado e a ideia desconfigurada de magia como relação com o demônio e traição a Deus que a própria fé cristã nos impregnou, há a negação dessa configuração mítica assim mesmo como até as praticas do mesmo pelos seres. Como também a uma ignorante confusão de identidade com relação à magia e bruxaria.

A bruxa age sem saber ou querer em atos psíquicos, em forças que já nasceram consigo, à magia como colocamos acontece através do ritual e por forças que ele produz. Outra colocação é que magia não é religião e, portanto não tem outro Deus a quem serve e submeta-se a sua vontade e alias se bem observável dentro desta lógica a própria magia esta na religião, pois as promessas não são outra coisa a não ser praticas

que dependem de uma determinada crença para se atingir uma finalidade, porém através de um rito.

É preciso por exemplo se ascender sete velas seguidas apenas nas sextas feiras para que aconteça determinada cura que ocorrerá por meio da fé que nessa pratica foi deposta e uma força maior, nesse caso Deus, a realizará quando tudo isso for feito.

Pois bem os mitos estão presentes na sociedade e são praticas mágicas que estão impregnadas de olhares negativos em consequência do processo de evangelização cristã, mas que dão sentido ao mundo e respondem as questões dos seres.

E é isto que poderemos observar ao se aprofundar no cotidiano local da cidade de Juarez Távora.

JUAREZ TÁVORA E SEU COTIDIANO URBANO DE MEDO, FÉ E PRATICAS MÁGICAS

Os passos no campo de pesquisa foram impulsionados pela observação e, sobretudo o dialogo com alguns moradores. Esta conversação se deu em singularidades de faixas etárias diferentes possibilitando a percepção e apreensão de como essas práticas é comum no particular dessas pessoas e se perpetuaram nas gerações por meio da tradição.

As entrevistas foram realizadas com quatro moradores, todas em suas residências, sendo que três destes são do sexo feminino e um do sexo masculino o que se levou a perceber que estas são as encarregadas de manter e repassar estes conhecimentos para as gerações. Ainda pode-se dizer que duas dessas era de idade mais experiente, com idade aproximada ou semelhante há 75 anos, uma com 53 anos e um mais novo com 17.

Os diálogos e experiências realizadas com esses foram riquíssimos e de muita sabedoria. Para inicio de conversa a pergunta inicial foi à mesma assim como a resposta. Ela partiu do interesse de saber de onde veio esses conhecimentos, essas crenças nas praticas e objetos que acreditam terem algum poder? E a resposta foi unanime foi transmitido pelos mais antigos, pelos velhos da comunidade local ou que antes moravam. De acordo com a fala da Dona Maria “num foi à veia do Quirino”.

O Quirino era uma comunidade Rural que a mesma morou até casar-se, depois deste ato mudou-se para cidade, porém as falas e contos destes mais velhos ficaram gravados em sua cabeça e até hoje são repassados para seus filhos e netos e praticados diariamente por ela. Segundo sua narrativa era comum o costume de sentar-se e

conversar pra ouvir os mais velhos que sempre alertava para os sinais do fim dos tempos e transmitia esses ensinamentos, “o povo só dizia isso ai eu to fazendo a mesma coisa”, outra fala que aqui se destaca da mesma como reforçamento da transmissão deste saber mítico e o acolhimento valorativo que recebe ao habitar as experiências da vivencia humana, como refletido nesta fala. A Dona Maria em seu cotidiano ouvia e certamente também via sempre estas narrativas que se fixaram em sua experiência de vida atribuindo determinado valor significativo gerando uma realidade comum em sua forma de representar a realidade e conseqüentemente de alguns de seus descendentes. Sua fala ainda nos dá a base de um consenso em relação aos moradores em dá vida a essas praticas, tendo em vista que ha um crença no poder das mesmas enquanto transmissão de valores e códigos de ética.

A segunda questão buscava saber se de fato eles realmente acreditavam nisso, e claro que a unanimidade apareceu de novo com a resposta, “acredito”. E no questionar do porque, resgato duas das falas que soaram bem emblemáticas. De novo surge a Dona Maria que assim vai nos dizer “porque o povo são tudo falso. Como é que a pessoa num vai acreditar numa coisa dessa que é de veio? Os veio é que sabe das coisas menina. Os novo num sabe de nada não.” Ou seja não se faz necessário o questionamento, os mais velhos carregam nos anos de sua vida a detenção da sabedoria e só isso basta para levar adiante o que dizem e fazem.

A tradição seria uma forma de sobrevivência cultural e aqui vemos o cruzamento destas, pois se é posto a cultura dita “antiga” vivenciada e transmitida pelos mais velhos e a “nova” que põe em risco a permanência desta que deteria o verdadeiro valor. Revelando-nos como não só os novos não houve os mais velhos mais também como no avesso esta situação também se faz. Ainda se apresenta a questão do mal. O mal fincado na consciência humana pelos sermões religiosos tornou-se elemento comum nas ações dos seres. A natureza humana não pode fugir de um jogo de forças negativas e positivas que existem em torno de si como nos apresenta Andrade (2000) então diante disso é preciso agir em defesa de suas possíveis ações, ficar atento para perceber os sinais que se configuraria em perigo para neutraliza-los, sejam eles contra si, contra sua casa ou família.

A outra seria do Euclides, o jovem de 17 anos, que teve conhecimento por meio de sua avó que além de dizer que acredita porque as pessoas antigas tem conhecimento trás outra discussão ao dizer “Acredito, porque as pessoas antigas elas tem conhecimento e algumas participam da macumba e os caboco, as pessoas lá, a entidade falam dessas coisas pra ela.” Aqui encontramos o hibridismo de culturas com a

influência da religião Afro no local. Em sua fala muito mais do que o medo encontramos a fé no que esses seres divinos dizem e como o mito ele está também relacionado ao sagrado. O mundo mítico é um mundo de ações que são ritos, que “são gestos sagrados” como vai dizer Moraes (1988). A tradição se reveste de formas religiosas que por determinados discursos desta mesma religiosidade, porém de características católicas e também protestantes atribui condenação às práticas mágicas e similares de origem africana subordinadas a lógica social primitiva, condição de pecado e uma adaptação social moderna que os empurra as liminaridade desses espaços cotidianos.

A quarta pergunta e com ela os diálogos se encerravam era exatamente a exposição das práticas, dos gestos, dos hábitos, dos objetos, dos ritos que estavam presente em suas crenças e aqui se descreve uma lista comentada por todos os quatro que diante a imensidão de seus saberes ainda se faz pequena.

- *Pé de Pimenta em algum local da casa:* A maioria disse que era para evitar o mau olhado, a Dona Maria acrescentou em sua fala, “pra ficar tudo feliz e não aparecer mal”.
- *Alho (só pode ser o roxo) atrás da porta de frente e de trás da casa:* Proteger a casa e evitar “zoi” grande.
- *Faca quebrada embaixo do colchão:* para o pesador não pegar durante o sono.
- *Alho (roxo) e castanha embaixo do travesseiro:* Para evitar câimbra no corpo
- *Farinha num tronco de árvore:* Para em dias de muita chuva “Santa Quilara” clarear o mundo
- *Fechar a porta quando estiver passando um enterro:* É preciso fechar pra não fazer mal (eles não sabem explicar que tipo de mal seria apenas que é necessário se fazer)
- *Não beber água na casa onde se esteja velando um defunto:* Quando após o falecimento não banham o corpo do morto acredita-se que este viria tomar banho no pote de casa e a água faria mal para aquele que ingerir.
- *Usar um chifre de boi na parede da cozinha:* para evitar coisa ruim
- *Usar em algum local da casa ou embaixo do colchão a planta Espada de São Jorge:* Livra a casa de todo mal.
- *Se encruzar com a chaleira ou vassoura três vezes seguida e três vezes ao dia:* Para tirar mal olhado e quebradeira no corpo.

- *Bater três vezes seguidas numa superfície de madeira:* Para evitar que algo aconteça
- *Sal grosso com um alho roxo dentro de algum recipiente colocado em algum lugar da casa (Na narração da senhora Joselia e o jovem Euclides, seria o sal grosso misturado com o arroz, uma moeda e o alho roxo):* Pra evitar olho grande.
- *Vassoura de ponta pra cima atrás da porta:* Pra mandar embora visita indesejada.
- *Casinha com cruz encima no local de morte de alguém na estrada:* Para evitar que a alma fique vagando sozinha na estrada.
- *Moça solteira não pode tocar o sina da igreja 3 vezes:* Fica pra titia.
- *Tesoura aberta atrás da porta:* Para cortar todo mal que se entra dentro da casa
- *Tira vermelha amarrada na perna ou passar a barriga do sapo três vezes em forma de cruz em sentido para baixo:* para se curar da conhecida doença vermelhão ou má de munturo.

Dentre as muitas crenças presente nesse cotidiano essas são algumas delas onde se pode observar a presença de alguns elementos apresentados e discutido na realidade mítica até agora, como a fé, o medo e os ritos que acompanham cada objeto ou prática para que o desejado aconteça. São as praticas mágicas que fazem e refazem esse cotidiano dos moradores da cidade de Juarez Távora. São as praticas que como diz Pierucci, “Quando não se dispõe de outra solução viável, magia é feita para concretizar o extraordinário” (2001, p. 65) que são feitas para dá respostas e soluções ao que não encontram nas praticas “comuns” aos olhos da sociedade moderna.

Ainda como fonte dessas experiências se traz ao escrito a colaboração do documento imagético para fortalecer essa discussão.



Imagem 01: Perna de Dona Maria com as fitas vermelhas para evitar o vermelhão .
Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

Essas imagens, sustentam-se através de crenças praticadas pelas gerações anteriores através das repetições de ações, quando uma geração dá continuidade as práticas culturais de outra temporalidade, sem questionamentos, partindo da crença e da tradição. Com esta compreensão, destacamos a reflexão Eudoro de Souza (1988, p.64), ao afirmar que: “O mito fornece então sentido ao mundo humano; é a manifestação do canto profundo do destino humano em sua plenitude, englobando e superando simultaneamente a dimensão temporal. O tempo do mito é um tempo primordial”.



Imagem 02: Perna de Dona Maria 15 dias depois.
Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

Essa segunda imagem nos traz a possibilidade da retomada do mito pelo pensamento racional, na qual a razão consegue integrar uma serie de fenômenos numa estrutura universal totalmente valida. São explicações de um outro nível, pois vem apenas manifestar na espontaneidade de um saber imediato perante fatos desconhecidos. Neste sentido, significa dizer que a razão não esta diametralmente oposta ao mito. Ao contrario, ela procura ser sua sucessora em plenos poderes retomando-lhe todas as

funções. Segundo Eudoro de Souza (1988, p.51), uma forma de pensar mítica não sobrepuja a racional:

Somos nós, formados sob o signo do pensamento racional, que necessitamos destes porquês. O pensamento mítico atua muito bem sem eles, o que não significa absolutamente uma privação. A falta de interesse pelos porquês não é prova de ausência total de saber entre os primitivos. Seu comportamento é predominante de ordem emocional, E seu pensamento é também desta ordem.

Ao visitar esses moradores foi possível fotografar alguns desses hábitos e inclusive vivenciar essas crenças e resultados, um exemplo nos traz os documentos imagéticos um e dois onde a Dona Maria acabou adquirindo um vermelhão na perna e esta com seus conhecimentos míticos amarrou tiras de pano vermelho na crença de que estes reteriam para si o vermelho que a incomodava gerando dor e inchaço nas pernas, além disto ela afirmou não tomar remédio algum e apenas além das tiras fazer uso do vick.

Quinze dias após se conferiu como esta estava e o vermelhão havia sumido das pernas, junto com a dor deixando apenas um pouco do inchado e um despelamento na região por ele atingida. Segundo Dona Estelina, outra moradora entrevistada, que se revelou especialista no assunto se ela houvesse passado a barriga de um sapo três vezes em forma de cruz e por o nome da mesma embaixo do joelho para que ele não subisse para outras regiões da perna em prazo muito menor de tempo haveria ocorrido à melhora.

Essa terceira fotografia remete a questão da fé, especialmente quando se trata da realidade do interior do Nordeste que através da persistência de cultos mágicos, exploram traços de comportamento e valores típicos da cultura brasileira. Trata-se de transformações que ao longo do tempo são sustentadas por um tipo de mentalidade religiosa, que de alguma forma se articula a uma mentalidade coletiva, envolvendo a visão deste e do outro mundo. São dimensões do mundo que tomadas indistintamente, são submetidas hora por uma ordem temporal e a outra uma ordem eterna. São idéias que dão suporte á adoção de praticas mágicas, que supõe a crença de que o homem é capaz de interferir nos acontecimentos para produzir efeitos desejados. Neste sentido, a reflexão do autor sustenta esta crença, ao destacar que:

O mito quando estudado ao vivo não é uma explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade primeira, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social e mesmo a exigências práticas. (SOUZA, 1988, p.59)



Imagem 03: Dona Maria colocando Farinha num tronco de laranjeira para Santa Quilara.
Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

Nela podemos conferir a Dona Maria pondo a farinha para “Santa Quilara” que seria Santa Clara. Esta estava pintando a frente da casa e o clima fechou preparando-se para chuva e ela claro que buscou logo ajuda recorrendo ao auxílio desta prática.



Imagem 04: Pote de Arroz com sal grosso na casa de Dona Estelina.
Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

Essas realidades simbólicas estão presentes na particularidade do cotidiano destes moradores porém essas imagens revelam como elas são perceptível apenas no adentrar de suas moradas. Esta imagem quatro configura um copo de arroz adicionado de sal grosso presente na casa da Dona Estelina localizado em sua sala. Seria o aviso logo aqueles que chegam e trazem em seu olhar uma carga leve ou pesada de inveja e maldade para o local. Isto foi uma pratica não reservada apenas a sua vivencia, contudo foi presenciada nas demais moradias em visitaçao. Para Souza (1988, p.63): “O mito é

então um fenômeno simples, não é produto de reflexão ou pensamento e nem podemos considerar satisfatório descrevê-lo como mero produto da imaginação humana”.



Imagem 05: Pé de Pimenta na casa do Euclides. **Fonte:** Pessoal (2014)

A imagem cinco, aqui destacada é a do pé de pimenta. Sua retratação parte do cotidiano do jovem Euclides, todavia a mesma também vai ser uma dessas praticas mágicas que se faz presente na realidade dos demais colaboradores a este estudo. Na moradia da Dona Joselia este foi visto tanto no espaço do terraço do seu lar como na cozinha e nos revela não só a crença mais a intensidade do medo que a envolve a levando ao reforçamento da intenção objetiva em neutralizar a entrada de forças maléficas em seu lar.

O uso da pimenta se constitui em uma faculdade de simbolização que emerge do inconsciente coletivo que segundo Jung, estaria ligado ao campo das “imagens arquetípicas”, pobres em representações configuradas, mas ricas em suas coerências estruturalmente funcionais. Sendo assim é através do inconsciente coletivo e de seus mitos que emergem as imagens simbólicas. Como destaca Gilbert Durand (1999, p.91), são sustentadas pelo imaginário: “O imaginário é o próprio homem [...], uma representação incontável, a faculdade da simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente”.

São práticas culturais que são referenciadas pelo um homem comum e encaradas como uma forma de conhecimento, que entendida enquanto mito simboliza o divino, a partir da realidade que expressa para consciência humana, à transcendência no momento dado. Enfatizando através de um vegetal, animal ou próprio homem que é sacralizado, torna-se uma mera apresentação de um poder divino.

Nessa investigação apenas quatro moradores foram entrevistados, como já referido, porém é uma prática bastante comum no cotidiano desta cidade e pode-se afirmar que mesmo sendo apenas estes tornam –se justificadores da particularidade local do uso dos mitos, das práticas mágicas que dão sentido e movimento a vida de cada um dos seres.

Portanto, devemos procurar aprender os usos e funções do mito, através das práticas culturais dos moradores, em sua vida interior isto é no cotidiano de suas casas, em sua mobilidade, isto é nos diversos usos dessas práticas que dão sentido a existência humana, como destaca Souza (1988, p.63):

A existência real, autêntica do homem, começa no momento em que recebe a comunicação dessa história primordial e aceita as suas conseqüências. A função do mito é a de revelar modelos e fornecer uma significação ao mundo e a existência humana. Graças ao mito, o mundo pode ser discernido como um Cosmo perfeitamente articulado, inteligível e significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada sociedade é possuidora de uma cultura que influencia com uma determinada visão de mundo a realidade de seus seres locais, os constituindo em práticas e crenças que na consequência do vivido vai construindo este ser e ao mesmo tempo a si própria. Estas culturas são formadas pela mentalidade que se diz “dominante”, hoje especificando chamada de mentalidade moderna, todavia se faz e se resignifica em práticas cotidianas muitas vezes apenas presente no particular ao passo que são vistas pejorativamente como formas atrasadas e primitivas ou mesmo mero folclorismo.

Denominado estas práticas chegamos ao mito que se manifesta por meio dos símbolos, crenças e o rito que vem a ser de fato o sobro vital para sua existência e principalmente validade. Indo um pouco mais além podemos dizer que esses mitos são práticas mágicas que representam outra forma de enxergar a realidade para os seres que mediante a ausência de determinadas respostas encontram seu sentido nesse mundo de símbolos. Entretanto buscando a origem da idade moderna e o processo de evangelização cristão no ocidente percebemos a chama para essa deturpação, para negatividade que muitas vezes nega sua existência na cultura presente o vendo simplesmente como fato histórico e abomina sua intrínseca ligação, mas que visível com a magia. Na medida em que esta é um conjunto de práticas supostas no controlar de forças ocultas e a intervenção na natureza por meio de técnicas rituais.

A nossa região Nordeste é muito fértil culturalmente e apresenta em suas realidades a existência desses hábitos que se manifesta na fé e no medo do seu povo. Assim a cidade de Juarez Távora serviu como palco para essa observação, percebendo-se como os mitos, essas crenças mágicas estão presentes no cotidiano urbano local e colaboram para o enriquecimento cultural assim como mesmo diante as pressões modernas permanecem em formas de resistência por meio da tradição que se faz nas sequencias de gerações em gerações.

Partindo para o campo de investigação com os diálogos obtidos foi possível da voz a esses personagens históricos que nem sempre é visto ficando às margens da feitura histórica quando de fato são aqueles que dão engrenagem a todo seu desenrolar. Como também foi possível preencher um pouco desses espaços históricos. Pois ainda é um pouco lacunar a historiografia Nordestina em si tratar dessas praticas culturais no contexto urbano da sua sociedade.

As experiências com cada morador só veio a fortalecer e engrandecer esta pesquisa revelando a presença mítica na cultura urbana da cidade, como estas se perpetuam, se manifestam e se traduz nessa construção histórica que não se finda aqui, mas torna-se elemento impulsionador para as muitas possibilidades que a riqueza objetiva tem ainda a oferecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Maristela Oliveira de. **Cultura e Tradição Nordestina: Ensaio de história cultural e intelectual**. João Pessoa. Ed: Manufatura / Fundação João Fernandes da Cunha, 2000.

BURKE, Peter. A Terceira Geração. In: **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**; Tradução Nilo Odalia. 2. Ed. São Paulo. Editora da Unesp, 2010. p. 89-121.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina, coordenadoras. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GINZBURG, Carlos. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**; Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo. Ed: Companhia das Letras, 2010.

_____. Prefácio; Feitiçaria Popular e Piedade (notas sobre um processo Modonense de 1519) In: **Mito, emblemas, sinais: morfologia e história**; Tradução: Federico Carotte. São Paulo. Ed: Companhia das letras, 1989. p. 07-39.

KUPER, Adam. Introdução: guerras culturais In: **Cultura: a visão dos antropólogos**; Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP. Ed: EDUSC, 2002.p. 21-42.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo. Ed: Contexto, 2007.

MORAIS, Regis de, org. **As Razões do Mito**. Campinas – SP. Ed: Papyrus, 1988.

REIS, José Carlos. História da história: civilização ocidental e sentido histórico In: **História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 22-65

PIERUCCI, Antônio Flavio. **A magia**. São Paulo. Ed: publifolha, 2001. (Folha explica)

ABSTRACT

The northeastern culture is very rich in cultural practices, are symbolic ways of representing the world. In that sense, the myths constitutes common practice realities of the various companies in which the northeast falls. So the objective is to realize the presence of ritual practices in urban daily life and how they are linked to the idea of fear and faith. Are everyday actions that are validated by processes rituals that purports to deal with hidden natural forces that cause interference in living beings and in their midst without further possibility of response. It also seeks to identify the persistence of practices when supported by superstition and still constant in life of the city. The city of Juarez Távora - PB, serves as the basis for empirical research, combined with the qualitative approach while enable the investigation of this world of symbols and meanings, supporting himself through observation. Regarding the methodological aspect, it is enriched by narratives, through oral history interviews with local residents who have exercised the role of guardians of tradition, contributing to such practices remain in the local culture.

Keywords : Urban northeastern culture , Faith, Myth , Orality .

ANEXOS

Entrevista para o trabalho de pesquisa mitos, ritos e magia na cultura urbana nordestina:
medo, fé e imaginário na cidade de Juarez Távora.

Data: 08 de fevereiro de 2014

Local: Residência do Entrevistado

Nome: Maria Pereira Barbosa

Idade: 75 anos

R: Coronel Francisco Honório

P: Qual é o nome da senhora?

M: *Maria Pereira Barbosa*

P: Como foi Dona Maria que a senhora começou a praticar essas coisas, a usar objetos atrás da porta, a acreditar que a pimenta pode proteger, que o alho traz proteção para sua casa?

M: *E apoi num foi a veia do Quirino (sitio onde elas nasceu e viveu até casar-se). Foi lá no Quirino quando eu morava o povo só dizia isso ai eu to fazendo a mesma coisa.*

P: Mas a senhora acredita que realmente pode trazer proteção?

M: *Acredito.*

P: Por que a senhora acredita?

M: *Porque o povo são tudo falso, como é que a pessoa num vai acreditar numa coisa dessa que é de vei? Os vei é que sabe das coisas menina. Os novo num sabe de nada não.*

P: Com relação a, aos objetos e as praticas a senhora pode mim explicar, porque a senhora coloca a farinha no sol e como é que deve se fazer?

M: *Pra Santa Quilara clariar o mundo.*

P: E ai tem que botar a farinha aonde?

M: *Hã? Num toquinho, Eu boto num pau, fica lá pra clariar o mundo.*

P: E o alho atrás da porta?

M: *Pra evitar oi grande*

P: A senhora pode dizer outra coisa também pra gente , outra pratica que a senhora faz?

M: *Hum, como é? Como é? Ah, a faca que eu boto debaixo da cama pra evitar do pesador.*

P: A faca? Muito bem Dona Maria. Muito obrigado pela sua participação e me ajudar neste trabalho.

Obs: a letra P se refere ao pesquisador e o M, ao morador que concedeu o dialogo.

Entrevista para o trabalho de pesquisa mitos, ritos e magia na cultura urbana nordestina:
medo, fé e imaginário na cidade de Juarez Távora.

Data: 08 de fevereiro de 2014

Local: Residência do Entrevistado

Nome: Euclides dos Santos Barbosa

Idade: 17anos

R: Mario Ribeiro

P: Boa tarde! Como você se chama?

M: *Euclides dos Santos Barbosa*

P: Quantos anos você tem, senhor Euclides?

M: *17 anos*

P: E reside em que cidade?

M: *Juarez Távora.*

P: Então como você adquiriu esse conhecimento com relação a essas praticas, a esses objetos que acredita né, se ter essa proteção?

M: *Vem da minha vó. Das pessoas antigas. Conversando com elas e vou aprendendo esse assunto sobre proteção.*

P: Mas você acredita que isso realmente tenha poder? Que isso realmente protege, afasta o mau olhado?

M: *Acredito, porque as pessoas antigas elas tem o conhecimento e algumas participam da macumba e os caboco, as pessoas lá, a entidade falam dessas coisas pra ela.*

P: E dentro dessas praticas qual assim, mas você, ta presente no cotidiano da sua vida?

M: *Aqui em casa a gente tem arroz dentro de um copo com sal grosso, uma moeda dentro e cabeça de alho pra livrar do mal olhado a casa.*

P: Pronto. Obrigado então pela sua participação e por contribuir com minha pesquisa nesse trabalho.

Obs: a letra P se refere ao pesquisador e o M, ao morador que concedeu o dialogo.

Entrevista para o trabalho de pesquisa mitos, ritos e magia na cultura urbana nordestina:
medo, fé e imaginário na cidade de Juarez Távora.

Data: 09 de fevereiro de 2014

Local: Residência do Entrevistado

Nome: Estelina Ferreira de Mendonça

Idade: - (preferiu não dizer)

R: Presidente João Pessoa

P: Como é o nome da senhora?

M: *Estelina Ferreira de Mendonça*

P: A senhora reside em que cidade?

M: *Juarez Távora*

P: É Dona Estelina eu gostaria de perguntar a senhora sobre, com relação às praticas mágicas, os objetos que a gente, vocês assim acreditam ter um poder né, sobre isso de realizar, de proteger. Afinal de onde vêm esses conhecimentos, essa sabedoria que a senhora tem?

M: *Dos pessoal mais idoso do que eu.*

P: Pronto. E ai a senhora acredita realmente que essas coisas (*eu creio* - fala já da mesma) podem acontecer?

M: *Eu creio sim, que eu já fiz mais de uma pessoa e, e aconteceu tudo bem.*

P: A senhora pode citar um exemplo disso?

M: *Quem ta com má. Vermelhão ou má de munturu ?(fale) Má de munturu. Quem ta com má de munturu é passar o sapo trei vei em cima e fazer o nome acima dele pra ele num, num a subir mai pra onde vai, a ai ver o resultado. Abasta passar trei vezes ai desaparece.*

P: Pronto. Brigada então Dona Estelina por a senhora colaborar com este trabalho.

Entrevista para o trabalho de pesquisa mitos, ritos e magia na cultura urbana nordestina:
medo, fé e imaginário na cidade de Juarez Távora.

Data: 09 de fevereiro de 2014

Local: Residência do Entrevistado

Nome: Joselia Pereira de Mendonça

Idade: 53 anos

R: Presidente João Pessoa

P: Como é o nome da senhora?

M: *Joselia Pereira de Mendonça*

P: A senhora reside em que cidade?

M: *Juarez Távora*

P: É. Dona Joselia de onde vem esse conhecimento da senhora, da, desses objetos, dessas praticas, que a senhora acredita lhe trazer proteção?

M: *Desde eu criança que eu vejo os mais velhos. É, dizendo né? Que. É. É como se uma simpatia.*

P: E ai a senhora acredita realmente que, que isso pode lhe trazer, é lhe afastar esse mal?

M: *Sim.*

P: Porque a senhora acredita?

M: *(alguns minutos de silencio) porque eu acredito. E sei que é simpatia, mas eu acredito em tudo isso que eu participo, que eu vejo, por isso que eu faço essas coisas*

P: E a senhora pode da exemplo das coisas que a senhora faz aqui na sua casa?

M: *Sim. É. A gente bota. É. Esse chife, é os olhos grande, que é pra tirar. (silencio) Esse bu.. , esse buda, budas. É uma simpatia que eu tenho certeza que é certa. É, é, ele. Essa tesoura atrai da porta é uma simpatia pra cortar (risos) a, as, as coisas rim que, que vem gente pra minha asa, que vai entrando com energia ruim ai a tesoura corta.*

P: Pronto. Então obrigado por sua ajuda Dona Joselia nesse trabalho.

